

# nas memórias d

Ele já cansou. Pesado, carrega onze pedaços de si nas costas. Pobre calendário. Se arrasta, por aí, na esperança que a próxima primeira folha traga a leveza da novidade. Enquanto isso, espera. Espera que a última folha, talvez a mais pesada, seja logo arrancada. Espera os últimos dias de um mês que voa, mas em seus últimos momentos parece desfilar. E, enquanto espera, relembra. Antes de deixar dezembro para trás, o Segundo Caderno mergulha nas memórias do calendário e traz os reflexos da cultura em 2013.

Se os jovens soubessem **(TUDO)** o que podem encontrar nos livros...

...Os adultos já teriam proibido!

Olhar para 2013 sem olhar para a literatura é, praticamente, impossível. No ano em que o jovem se tornou o centro da sociedade – seja através da Jornada Mundial da Juventude, seja pelos protestos que inundaram o país no mês de junho -, os livros foram capazes de absorver, também, a juventude. A 15ª Jornada Nacional de Literatura trouxe para o centro do debate as “Leituras Jovens do Mundo” e, pelas mãos de quem lê e de quem escreve, a lona (no sentido conotativo, já que a lona se tornou uma complexa estrutura chamada Circo da Cultura) tornou-se uma espécie de lar ou refúgio. Lar porque suporta tudo o que, de alguma forma, faz parte de quem passa por ali. Refúgio porque revela a calma em meio a uma rotina cuja rainha é a pressa.

O tema, acompanhado da voz presente de Humberto Gessinger, tomou a cidade durante os cinco dias da festa literária, ficou por aqui e questionou. Quem são os jovens de hoje? O que fazem? O que lêem? O que pensam sobre o mundo e o que pensam sobre si mesmo? O jovem respondeu. Devagar, explorando sua personalidade e achando aquilo que quer ser, sentir e fazer. Do centro de debates, fez a Jornada ganhar as ruas, a periferia, os mundos ainda não descobertos e os inventados.

Pela voz de Walcyr Carrasco a Jornada falou do jovem frente à ficção. Através da mente de três mulheres, Diana Corso, Laura Müller e Mirian Goldenberg, quebrou tabus e falou de corpo e sexualidade. Não fugiu da responsabilidade e falou, também, de trabalho, autonomia e consumo com a ajuda de José Castello, Marcelino Freire e Roberto DaMatta. E para quem pensava que o jovem era como um prato raso e simples, a conferência a quatro vozes - e quatro idiomas - mostrou que não é bem assim. O baiano Nelson Pretto, ao lado do italiano Máximo Canevacci, do português J. A. Furtado e do espanhol Cesar Coll, exploraram toda a convergência das mídias e qual o papel do jovem no meio de toda essa complexidade.

E não foi só isso. Bruna Beber, Vinicius Campos, João Alegria e o Jairo Bouer falaram sobre as faces da rede enquanto André Vianco, Sonia Rodrigues, e Guto Lins abordaram as narrativas transmidiais. E se a proposta era ir para a rua, o jovem foi bem acompanhado: Sergio Vaz, Alejandro Reyes e o rapper Emicida esquentaram o

debate e fizeram um show carregado de poesia, protesto e diversão.

Os últimos 1500 caracteres aconteceram só no palco principal. Além dele, a JorNight reuniu adolescentes e estudantes do Ensino Médio para falar, também, sobre sexualidade, sobre literatura fantástica - com o reforço de Raphael Draccon - e sobre a leitura que invade as ruas. A Jornadinha, destinada às crianças, reuniu quase 30 convidados. Eva Furnari, Kleiton e Kledir, Tholl, Flávio de Souza. Todos eles responsáveis por mostrar, para os pequenos que, logo, serão os jovens que a Jornada tanto busca entender, o quanto é bom ler.

As novidades do ano ficam por conta da Jornada UPF e do Festival de Gastronomia. A primeira concentrou os estudantes da Universidade e explorou autonomia, sustentabilidade e sexualidade. O segundo, aconteceu pouco antes, durante e pouco depois da Jornada e teve por objetivo orientar e discutir a alimentação e, ainda, ensinar um pouco de cada receita.

Ainda que aconteça apenas de dois em dois anos, a Jornada deixa marcas. Marcas essas que vão além da programação oficial, que passeiam entre a estrutura e se fixam na memória. Em 2013, por exemplo, como esquecer a ausência de Alcione Araújo? Ao lado de Luciana Savaget e Ignacio de Loyola Brandão, era responsável pela mediação de todos os debates. Não dessa vez. E ele, na mesma intensidade que nós, parece ter sentido também. Em uma das tardes, em meio a debates, um balão paira no palco (*capa*). Viaja de um lado, volta para o outro. “Esse balão que caiu aqui e agora paira sobre o palco é a alma do nosso amigo Alcione Araújo.”, decreta Loyola.

Como esquecer a magia do Universo Casuo no encerramento de todas as atividades? Como esquecer do sempre presente Afro Reggae? Como esquecer de cada página buscada, lida e levada para casa? Impossível não lembrar dos pequenos leitores correndo pelo Portal das Linguagens em busca da novidade que aqui vieram encontrar. E impossível não lembrar deles, dos jovens. Essês que fazem esforço para compreender e, na mesma medida, para serem compreendidos parecem ter encontrada, no meio da Jornada, um lugar para, finalmente, ser aquilo que sempre quiseram.

Ufa. Como pode uma semana, perdida no meio de agosto, carregar tanto consigo?



O NACIONAL

Diretor Presidente: Múcio de Castro Filho  
Editora Chefe: Zulmara Colussi  
Jornalista responsável pelo Segundo Caderno: Sammara Garbelotto  
Projeto Gráfico: Fábio Luis Rockenbach

Conselho Editorial

Múcio de Castro Filho, Clarice Martins da Fonseca de Castro, Milton Valdomiro Roos, Antero Camisa Junior, Dárcio Vieira Marques, Paulo Sérgio Osório, Valentina de Los Angeles Baigorria

MC-Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda  
Rua Silva Jardim, 325 A - Bairro Annes  
CEP 99010-240 - Caixa postal 651  
Fone: 54- 3045-8300 - Passo Fundo RS  
www.onacional.com.br

Contatos

Circulação: circulacao@onacional.com.br  
Comercial: comercial@onacional.com.br  
Redação: onacional@onacional.com.br  
Fones - Geral: (54) 3045.8300 / Redação: (54) 3045.8328 Assinaturas: (54) 3045.8335 / Classificados: (54) 3045.8333 / Circulação: (54) 3045.8336

Não nos responsabilizamos pelos conceitos e opiniões emitidos em colunas e notas assinadas ou matérias pagas. Não devolvemos originais, publicados ou não.

Segundo

O NACIONAL  
Sábado e domingo,  
28 e 29 de dezembro  
de 2013

Perguntas,  
sugestões e  
reclamações?  
contate-nos!

segundo@onacional.com.br

Segundo



Tem alguma sugestão? Envie para [segundo@onacional.com.br](mailto:segundo@onacional.com.br)

Sábado e Domingo, 28 e 29 de dezembro de 2013 | 10

# e um calendário

## A leitura que abre portas à arte

### Além da Jornada, a Feira do Livro também colocou a pluralidade da leitura em foco

Algumas folhas de calendário adiante e novembro logo chega. Com ele a tradicional ocupação da Praça Marechal Floriano. O tema, "A leitura que abre portas à arte", trouxe a pluralidade da literatura. Letras que se encontram com imagens e passam por pinceis. Takes que se esbarram em acordes e voltam para as páginas. A 27ª Feira do Livro de Passo Fundo falou da literatura como lar do cinema, da música, das artes. Debateu a ficção, a escrita criativa e o papel do escritor. Disponibilizou o palco para as histórias.

Histórias essas que nasceram ou cresceram por aqui. Todo o trabalho de realização e montagem neste ano foi para colocar o foco em Passo Fundo. Os 40 autores que participaram são, em sua maioria, da cidade ou região. Trouxeram ao palco um pouco daqui que é produzido por aqui. Além deles, os homenageados do ano também têm suas raízes firmadas em solo passo-fundense. O patrono, Paulo Monteiro; a educadora emérita, Selina Dal Moro; o projeto da Escola Municipal Daniel Dipp - a Biblioteca Itinerante - como Amiga do Livro. Cada um contando um pouco de história.

Quando não são os temporais, é o calor que se torna o companheiro inseparável da Feira do Livro. Repetindo a edição passada, a 27ª Feira do Livro de Passo Fundo seguiu sem chuvas e com altas temperaturas. O público, no entanto, não fugiu do corredor de livros e, mais uma vez, dedicou tempo para encontrar aquele título tão esperado ou para encontrar com o autor que, antes, estava apenas na prateleira.

No palco, Pablo Morenno contou a história de Menina de Asas e Veralinda Menezes usou da música para falar da princesa Violeta. Gláucia de Souza, autora do livro Do Alto do Meu Chapéu, usou de papel e tesoura para contar como o livro nascê. Além deles, Leila de Souza Teixeira trouxe o cinema para dentro da literatura e a editora de cultura do Jornal Zero Hora, Claudia Laitano, falou com o público e explorou o dia a dia das redações ao mesmo tempo em que falou do livro Meus Livros, Meus Filmes e Tudo Mais. Também, o vencedor do Prêmio

Açorianos, Roberto Schaan Ferreira, autor de Por que os ponchos são negros? falou sobre o processo de criação e pesquisa para a elaboração de um livro.

Mas, talvez, tenha sido o debate do sábado a tarde que tenha gerado maior resultado. No palco, cinco vozes, cinco personalidades e cinco opiniões diferentes sobre a literatura. Julio Perez, poeta e contista, se colocou ao lado de Pablo Morenno - autor de Menina de Asas -, Roberto Schaan Ferreira - vencedor do Prêmio Açorianos por Por que os ponchos são negros? - Eládio Weschenfelder - professor de literatura da Universidade de Passo Fundo - e Agostinho Both - autor de romances regionalistas e estudioso do envelhecimento humano.

Os cinco discutiram a produção de ficção local e, mais que isso, abriram as portas do próprio pensamento e colocaram-se diante do público como apaixonados pela arte. A discussão ganhou as páginas do **Jornal O Nacional** através da coluna de Pablo Morenno e de uma matéria produzida pelo jornalista Gerson Lopes. Depois deles, o **Segundo Caderno** tem aberto espaço para artigos que compartilhem uma opinião sobre a discussão.

Entre discussões, palestras, música e a mais pura literatura, a Feira do Livro fechou as portas com uma estrutura maior que a da edição anterior e com quase **40 mil livros vendidos**. Entre John Green e Martha Medeiros, a diversidade da Feira do Livro é o que chamou a atenção de quem passou por ali.

## Delá e daqui

### A cultura, em Passo Fundo, tem diferentes rostos. Da literatura ao teatro passa, também, pela música e pelas exposições

Passo Fundo é a Capital da Literatura, mas não sobrevive apenas dela. Teatro, por aqui, não falta. Em setembro, a **III Mostra Sesc de Teatro** trouxe espetáculos adultos e infantis, teatro de rua, palhaços, musical circense e comédia. Tudo isso em uma semana. A maratona cultural explorou diferentes gêneros e trouxe espetáculos de todo o Brasil e do Rio Grande do Sul.

Cravo, Lírio e Rosa, do grupo paulista Lume Teatro, foi o responsável pela abertura do evento. Depois dele, o drama baseado na obra de Cristóvão Tezza, O Filho Eterno, da Cia Atores de Laura, e Tarja Preta que contou com a atuação dos globais Leticia Isnard e Érico Brás. Do Rio Grande do Sul, O casamento do grande mágico Maycon Stallone, Cortejo Musical Circense e Misto Quente, todos do Circo Teatro Girassol. Além dos espetáculos, a Mostra ainda ofereceu oficinas de teatro, dança e circo, além de intervenções no comércio e nas ruas da cidade.

## Só daqui

### Antes da Mostra subir ao palco, Passo Fundo entrou em cena e na primeira mostra de teatro da cidade, onze grupos apresentaram o resultado do seu trabalho

Nos primeiros dias de agosto, a cidade viu circular, por aí, a notícia do **1º Passo Fundo em Cena**. Sem muita explicação, ela se aproximou convocando plateias. Promovida pela Prefeitura Municipal, reuniu dez espetáculos de dez diferentes grupos - todos da cidade. O objetivo do evento foi fomentar a cultura que nasce aqui, no solo passo-fundense.

Com casa lotada nos dez dias, os grupos Viva Arte; Timbre de Galo; Companhia da Cidade; Companhia Arte de Palco; Núcleo Rindo à Toa; Metamorphosys Cia Teatral; Grupo Ritornello; Dia Indústria da Arte; Grupo A Dois e o Teatro Depois da Chuva subiram no palco e apresentaram as peças que circulam a região.



Transparência

Pablo Morenno

pablomoreno@via-rs.net

## Ano novo, velhas promessas

Se você nunca fez promessas para o Ano Novo, ou fez e as cumpriu, deve ser um dos alienígenas que, segundo supostos "profetas", estariam entre os humanos nesta era. O vestibulo de cada ano vindouro é repleto de promessas: fazer exercícios, começar uma dieta, escrever um livro, plantar uma árvore, ter um filho, não fazer novas contas e quitar as antigas, reconciliar-se com um vizinho, ter mais tempo para a amizade e o amor. Sem pensar nas esperanças que fogem de nossas mãos: a paz do mundo, a baixa dos combustíveis, o fim da miséria, a proteção de animais em extinção, a cura da AIDS e do câncer.

Se você nunca consultou um baralho cigano, oráculos e horóscopo, está entre aqueles sujeitos com um bom senso extraordinário e pode considerar-se um raro exemplar de homo sapiens imune ao vírus da leve insensatez. Parece que, em algum cromossoma recôndito, temos um anseio indominável pelo senhorio do futuro, por determos as rédeas dos tempos vindouros, por querermos levar o porvir no fundo dos bolsos.

No entanto, se você fez qualquer das coisas acima, não se desespere. Você é normal. E, ser normal, por enquanto, não está listado entre os sete pecados capitais.

Além de nossos sonhos pessoais, não podemos esquecer-nos dos sonhos coletivos. Temos de assumir tarefas exclusivamente nossas na construção da humanidade. Temos que renovar as promessas. Há que se cuidar da paz, principalmente. Assim, enquanto estouram os foguetes da passagem de ano, se processa dentro da gente uma revolução, pessoal e social, de consciência. O mundo que ganhamos como lar ainda está longe daquilo que Deus - seja lá quem for - pensou para os homens. Os homens estão muito distantes daquilo que eles mesmos merecem. Estamos gordos demais para passarmos pelo buraco da agulha. Será que encontraremos as saídas, divisaremos o caminho, nos espalharemos pelas cidades com a dignidade do sal, teremos luz para pôr sobre o candeeiro? Será que temos azeite suficiente em nossas lâmpadas? Estaremos maduros para caminhar sobre as águas sem afundarmos?

Contudo, as coisas estão longe da ficção e perto dos olhos. Há óleo nos mares, seres extintos e em extinção, cidades poluídas, buraco na camada de ozônio, crianças morrendo de inanição, guerras.

Que sentido terão nossas promessas para o Ano Novo? Seremos salvos pela energia dos cristais? Que cartas teríamos que jogar para que as boas notícias se concretizem? Como faremos para criar um mundo novo? Quem proclamará um oráculo confiável de paz?

Será que o Ano Novo poderá ser realmente novo com costumes tão velhos, com guerras tão velhas, com mesquinhasias tão antigas, com homens tão caquéticos, com crianças que envelhecem copiando modelos antigos?



Segundo

Tem alguma sugestão? Envie para [segundo@onacional.com.br](mailto:segundo@onacional.com.br)

Sábado e Domingo, 28 e 29 de dezembro de 2013 | 11